

Uma invasão para ampliar o quintal

Moradores da Vila Planalto acampam às margens da Via N-2. Querem mais 340 lotes para resolver a defasagem habitacional

Fredson Charlson
Da equipe do Correio

Depois de margens de rodovias, descampados, áreas abandonadas e pontes, chegou a vez de um patrimônio histórico do Distrito Federal ser tomado por invasores. E, ironia, os invasores moram na própria cidade que invadem. Para piorar, a invasão toma ares de ineditismo ao surgir pertinho do Congresso Nacional, na Vila Planalto. O fato incomoda a população — exceção feita aos próprios invasores — e, principalmente, o GDF.

As vésperas de completar 40 anos, no próximo dia 21 de abril, os nove mil moradores da Vila Planalto resolveram tomar conta da área pública pelo fato de não terem muito o que comemorar. Eles não têm segurança porque o posto policial foi desativado. Não têm instituição financeira porque a agência local do BRB foi transferida para o clube da Academia de Tênis. Não têm saúde porque o posto funciona de maneira precária, com seis funcionários. Entre todos os “não têm”, o que mais incomoda atualmente é o relacionado à moradia. A reivindicação: 340 novos lotes.

Cerca de 80 moradores passam os dias em um acampamento improvisado com 40 barracas de lona na via N-2, a pista que corta a Vila. Ao lado das barracas, faixas com os dizeres “100 posto policial”, “100 solução”, entre outras. Eles prometem completar uma semana no local, na quinta-feira, caso o governo não encontre uma solução rápida para o problema.

No cronograma do grupo, composto por moradores adultos, filhos de pioneiros ou não, está prevista a desmontagem das barracas e limpeza do acampamento na sexta-feira. No sábado, eles pretendem tomar

posse de uma área ao lado da Vila, considerada adequada para a criação dos novos lotes.

“Não se trata de mais uma invasão”, esclarece Alaércio Gonçalves da Silva, presidente da Associação dos Moradores da Vila Planalto. “Estamos negociando há dois anos com o governo. Conversamos inúmeras vezes com o secretário de Desenvolvimento Urbano, Paulo Bicca, e ele está empurrando o problema com a barriga”, acusa Alaércio.

Para solucionar o déficit habitacional, a associação criou um projeto de expansão da poligonal (termo que designa os limites da área edificante de uma determinada localidade, além de servir para preservar a identidade do núcleo original) que prevê a criação de 340 lotes com 300 m² cada. As novas ruas complementariam as atuais.

“Um topógrafo vai preparar a área de maneira ordenada para evitar um clima de favelização. Não queremos discursos, mas sim uma solução séria do governador Cristovam Buarque ou da vice-governadora Arlete Sampaio”, afirma Alaércio.

SEM CONDIÇÕES

A situação é difícil. Angustia os moradores e mexe com a paciência do governo. O secretário de Desenvolvimento Urbano do GDF, Paulo Bicca, não admite, sob hipótese alguma, a criação e cessão de mais 340 lotes na Vila Planalto.

“O decreto de tombamento da Vila Planalto diz que é o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) que cuida disso. Foram fixadas regras e normas que definem os limites da Vila Planalto. Tentamos encontrar uma solução, mas com as limitações que o decreto impõe”, afirma Paulo Bicca.

Segundo o secretário, não existe o número de pioneiros do qual se fala.

Ronaldo de Oliveira



Perto da sede do poder, o acampamento não dispensa nenhum tipo de cobertura. Papel, lona e até a bandeira nacional protegem contra o frio e o calor

“Não podemos perder a razão original da manutenção da Vila Planalto, que é a questão histórica”, diz o secretário Paulo Bicca. “Estariamos rasgando tudo o que foi dito na época em que se discutiu a preservação da Vila se colocássemos mais 300 lotes hoje, 400 amanhã e outros tantos depois”, avalia.

Mais irritado está o secretário de Comunicação do governo, Luiz Gonzaga Motta. “A armação desses 40 barracos é típica da mentalidade que hoje impera em Brasília, fruto dos governos anteriores que plantaram a farra do lote”, afirma. “E o pior é que esse drama aumenta anualmente. Brasília tem um índice de migração anual de 2,5% da população, enquanto São Paulo e Rio de

Janeiro, têm um índice bem menor, de 0,2% a 0,4%.”

Segundo Gonzaga Motta, o GDF não deve permitir mais essa invasão. “Seria populismo. Se esse requisito, o de ter sido pioneiro, for levado em conta, 40% da população do Distrito Federal tem direito a um lote. Essas pessoas optam pela ilegalidade, pelo caminho mais fácil. Lutamos para que Brasília não se transforme em uma grande favela. Ninguém pensa no aspecto global, no futuro da cidade”, lamenta.

ESPERANÇOSOS

Cansados, porém animados com a causa. Assim estão os invasores da margem da via N-2. Eles esperam, não tão pacientemente assim, a de-

cisão do GDF. “Vim para a Vila Planalto há 26 anos e estou aqui, enfrentando chuva e sol, calor e frio, porque tenho meus direitos”, desabafa a desempregada Rosemary Batista da Costa, 30 anos.

Ao lado da barraca de Rosemary, grávidas, velhos e jovens desempregados compõem a fauna do lugar. Escutam rádio, conversam e jogam dominó. Ninguém é maluco de ficar dentro da barraca. A temperatura sob a lona é insuportável, passa dos 40 graus centígrados. O acampamento, a exemplo da própria Vila Planalto, não tem infra-estrutura alguma. É carente de tudo.

A manicure Gisele Gonçalves Ramalho, 26 anos, também se acha no direito de receber um lote na Vila. “-

Sou filha de um pioneiro dessa cidade e preciso de um lugar. Já ganhei lotes em Samambaia, Santa Maria e no Recanto das Emas e não quis me mudar para essas cidades. Aqui é que é meu lugar”, diz a mulher que tem passado os últimos dias no acampamento.

O mecânico Rafael Antonio Amaral Braga, 44 anos, veio para a Vila Planalto no ano de sua criação, em 1957. A família vivia em Itajubá-MG. “Minha mãe tinha um terreno grande, que foi dividido em 17 lotes. Dos 12 filhos da família, apenas dois receberam lotes. O esforço vai valer a pena, porque de um jeito ou de outro a gente vai resolver”, acredita um dos mentores do movimento.